



APOIO



Sicredi

2 de outubro de 1962 – “Chegamos em Tangará”

“Chegamos em Tangará da Serra em 02 de outubro de 1962. Ficamos por um tempo na sede, em um barracão emprestado pelo senhor Jonas Lopes, até que fizéssemos a queimada e construíssemos nosso rancho no sítio. Digo isso porque era um barraco de tábuas de Mulungu (um tipo de paineira), coberto com tabuinhas e iluminado pela luz do luar. Feito isso mudamos para o sítio que ficava a quatro quilômetros da sede, Estrada da Reserva, Córrego Palmital. Lá encontramos nosso vizinho, Sebastião de Oliveira, família finíssima e pessoas muito amáveis. Recomeço muito sofrido,

sem nenhum dinheiro e isolados do mundo! Selva a perder de vista”, conta Silas. “Sair para algum lugar, era impossível. Só trabalho sob sol e chuva. Abandonei a escola, sonhos e amigos para junto da família construir uma nova história. Ficamos com esse sítio de 40 alqueires por quatro anos e que tinha um solo ruim para a agricultura”.

Mudança para Córrego das Pedras

Em 1966, com o descontentamento pelas ‘terras ruins’, veio então uma nova mudança. “O senhor Hortolani (administrador de Tangará), então já com alguns recursos, ofereceu

ao meu pai uma nova área de terra de igual tamanho no Córrego das Pedras e uma casa grande na sede, que prontamente foi aceito”.

“Começamos tudo de novo. Eram 15 quilômetros de estrada ruim, e dois quilômetros de trilha no meio da mata. Tudo era carregado nas costas até fazer a derrubada, esperar para a queima e construir o barraco. Neste período, ficávamos nós quatro (meu pai e os três filhos) semanas e semanas no mato. Minha mãe ficava sozinha na pensão com três crianças que tivemos de criar (Dejanira, Raquel e Odete). Eram filhas do



Família Corsino, em 1976

Sr. José Diogo dos Santos, então empregado no primeiro sítio, pois a esposa havia morrido no parto do quarto filho”.

Anos de nuvens escuras, febre amarela, malária, onde centenas de mortes ocorreram. A irmã, Nair e seu marido Valdir,

foram embora para São João da Boa Vista-SP, em 1963, pois ele havia ficado muito doente. A outra irmã, Talita Corsino, casou-se e logo voltou com seu marido para o Paraná. Anos depois, Talita e o marido retornaram para Tangará.

O despertar do Tangará



Avenida Brasil, em 1966

A partir de 1967, Tangará começa a despertar. Já com razoáveis comércios, escritórios, serrarias, máquina de beneficiar arroz e escola, dando sinais de desenvolvimento.

Em 1969, iniciou-se a primeira turma do então Ginásio Estadual de Tangará da Serra (GETS), que tinha mais ou menos 15 alunos. “Tínhamos aulas em uma garagem que improvisamos como sala de aula. O primeiro diretor foi o Pastor Albino Ferraz e o secretário José Onofre Batista da Costa (Jôta B). Em 1970 passamos a estudar em uma sala cedida pelo colégio Manuel Pinheiro”.

Tangara já despertava interesse por grandes empresas. A agropecuária toma corpo. A independência política desperta o sentimento dos tangaraenses. “Em 1972, eu já era professor primário e estava concluindo o Ginásio. Começamos a luta ferrenha para a criação do segundo Grau, que junto com outros colegas e muitas viagens à Rosário do Oeste e Cuiabá conseguimos com êxito, abrindo assim, novos horizontes para o ensino em Tangará da Serra”, se entusiasma Silas Corsino, que, em Tangará, juntamente com seus pais e irmãos, foi agricultor, carroceiro, empregado em comércio e escritório e professor. “Lutando incessantemente para o progresso de Tangará. Meus pais sempre lutando sem descanso, pois apesar das terras, a Pensão Mineira garantia parte do sustento da família”.

A partida

Em 1973, convencido por amigos e pais, Silas Corsino permaneceu em Tangará e cursou o primeiro ano do segundo grau. “Em janeiro de 1974, tomei a grande decisão: partir em busca de novos caminhos, realizar sonhos, enfrentar o desconhecido e lutar com a mesma garra dos meus pais na conquista de novas vitórias. Eu já tinha dado a minha contribuição à Tangará. Hoje tenho lembranças, saudades e alegria de ter participado do nascer e o crescer de uma linda cidade”.

Apesar da idade, os pais ficaram trabalhando na Pensão até 1979, quando José Corsino teve o primeiro AVC, o deixando sem fala e movimento, vindo a falecer em 25 de setembro de 1986, em Tangará da Serra. “Após o falecimento do meu pai, minha mãe dependia do cuidado dos filhos. Ela permaneceu em Tangará até o falecimento do meu irmão Samuel, em 1992. Após isso, passou a estar fora de Tangará, pois os outros filhos residiam no Estado de São Paulo, Curitiba e Rondônia. Assim ela passou a levar sua vida, uma temporada em cada lugar, mas sempre que possível, voltava à Tangará para rever os amigos”.

Em 1999, ela decidiu voltar definitivamente para o lugar que tanto amava, pois lá queria



terminar os seus dias e ser sepultada junto ao seu amado, com quem teve sua linda história. Etelvina Gomes Corsino faleceu em 2002 e foi sepultada junto ao seu companheiro de vida, com quem permaneceu casada por 51 anos.

Ruas que se cruzam, eternizando a contribuição da família Corsino

Marcando a contribuição da família ao município tangaraense, a família Corsino eterniza seus nomes em três diferentes ruas.

O patriarca da família – José Corsino – eterniza seu nome em uma das principais ruas de Tangará da Serra. Por autoria do vereador Luiz Reis Garcia (Projeto de Lei nº 24, de 5 de abril de 1989) e sancionada pelo então prefeito Manoel Ferreira de Andrade, a movimentada Rua 12 passou a se chamar José Corsino.

Vinte e três anos depois, através da aprovação do Projeto de Lei nº 42/2012, de autoria do então vereador Roque Fritzen, a Rua 29, no Jardim Shangri-lá, em toda sua extensão, recebeu o nome de Rua Etelvina Gomes Corsino.

Antes, porém, em 1996, a Rua 27 dos bairros Jardim Shangri-lá e Rio Preto, passou a se chamar Samuel Corsino (Projeto de Lei nº 34, de 1996, por autoria do vereador João Batista de Moraes).

“Isso muito me orgulha de saber que somos parte da história de Tangará. Confesso que sou paranaense, porque aqui nasci, mas meu coração pertence a Tangará, pois boa parte da minha vida doe a este lugar”, finaliza Silas Corsino, ao agradecer, primeiro a Deus, por poder contar a história de lutas, dor, doenças, lágrimas, vitórias, sorrisos, amigos, sonhos, saídas e chegadas; aos amigos e colegas, que juntos partilharam de momentos alegres (outros nem tanto), sonhos, lutas, projetos e trabalho; e também aos pais, por serem dignos, honestos, honrados, guerreiros, sábios, justos, amigos e exemplo a serem seguidos com orgulho.